

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 12 (2021)



Historicidade

Leonhard von Renthe-Fink

Práticas da História, n.º 12 (2021): 208-215

www.praticasdahistoria.pt

Tradução de: Leonhard Von Renthe-Fink. “Geschichtlichkeit”, in Joachim Ritter e Karl Gründer (ed.), *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (tomo 3). Basel: Schwabe, 1974, 404-408.

Historicidade

*Leonhard von Renthe-Fink [1907-1993 †]*¹

Historicidade [*Geschichtlichkeit*] possui diferentes significados conforme o uso da palavra, isto é, ou como termo técnico do conhecimento histórico ou como conceito filosófico. Para o vocabulário **técnico** da história, *historicidade* significa “a factualidade de um evento histórico transmitido – posta como questão própria da crítica documental”² (sinônimo: histórico), o oposto de lenda e mito. O significado de *historicidade*, “de algo que passou apesar de seu passado permanecer efetivo”, quer dizer, “efetividade histórica, especialmente no sentido de marcar uma época”³, já conduz ao conteúdo do segundo significado. Como conceito *filosófico*, o termo possui um significado muito mais amplo; significa «o modo de ser histórico do espírito humano»⁴, uma característica fundamental de tudo o que é humano em contraste com o ser natural, quer dizer, como

1 N. T.: Nascido em Berlim, Leonhard von Renthe-Fink estudou filosofia e psicologia em Tübingen, Heidelberg e Bona, onde se doutorou sob a supervisão de Erich Rothacker, em 1933, com a tese *Untersuchungen über die geistesgeschichtlich-anthropologischen Ursprünge des Realitäts-Problems*. Após dois anos como pesquisador em Bona, por ser de família de tradição militar, trabalhou entre 1935 e 1943 para a Wehrmacht, inicialmente na seção de ciência comportamental, depois com exames de aptidão. Em 1942 foi convocado para a campanha russa na frente Leste, e permaneceu mobilizado pelo exército até o fim da guerra. Após 1945, passa a exercer a profissão de clínico autônomo. Apesar de não possuir uma carreira acadêmica formal, Von Renthe-Fink se notabilizou por seu trabalho filológico sobre o termo *Geschichtlichkeit* [historicidade], conforme Helmut E. Lück, “Leonhard von Renthe-Fink”, in *Deutschsprachige Psychologinnen und Psychologen 1933–1945*, ed. Uwe Wolfardt *et al.* (Wiesbaden: Springer, 2017).

2 Erich Bayer, *Wörterbuch zur Geschichte: Begriffe und Fachausdrücke* (Estugarda: Alfred Kröner Verlag, 1965), 289.

3 Friedrich Kirchner, Carl Michaelis e Johannes Hoffmeister, *Wörterbuch der philosophischen Begriffe* (Leipzig: Meiner Verlag, 1944).

4 Arnold Gehlen, “Geschichtlichkeit”, in *Religion in Geschichte und Gegenwart* (tomo 2), ed. Kurt Galling (Tübingen: Mohr Siebeck, 1957).

conceito filosófico *historicidade* reflete a temporalidade radical da existência [*Daseins*] humana.

Em ambos os sentidos, o conceito é uma criação do século XIX. Para o vocabulário técnico da história teológica, o conceito é primeiramente encontrado nas aplicações cristológicas de C. J. Nitzsch e F. Schleiermacher⁵. No sentido filosófico, o conceito é encontrado pela primeira vez em Hegel, que aparentemente criou o termo em analogia a outros conceitos abstratos, cuja marca é o sufixo <idade>. (A formação de palavras correspondentes em inglês – <historicity> e <historicalness>, esta última já encontrada em 1664, em Henry More – e nas línguas latinas – por exemplo, no francês <historicité> – cria neologismos no final do século XIX). Nas *Lições sobre a História da Filosofia*⁶ Hegel⁷ discutiu a relação profunda, interna e de caráter local que nos [ocidentais] liga à filosofia grega; dentre outras coisas, pela autocompreensão que os gregos possuíam, uma consciência clara da origem de sua própria essência. “Nessa habitabilidade [*Heimatlichkeit*] existencial, ...nesse caráter livre, de boa historicidade [*Geschichtlichkeit*], pela qual eles são também como *Mnemosyne* [memória], repousa também o germe do livre pensamento e do caráter necessário por meio do qual a filosofia surge entre eles [gregos antigos]”. Os outros dois empregos do termo feitos por Hegel são característicos dos pais da Igreja⁸ e giram em torno de um “grande momento no cristianismo”, a saber, o conhecimento de “que Cristo foi verdadeiramente um homem” de modo que o Espírito [*Geist*] “apenas nessa história se explica”, como “união íntima entre ideia e forma histórica. Portanto, a verdadeira ideia do Espírito na forma determinada de *historicidade*, simultaneamente”. As duas conceptualizações estão estreitamente ligadas pelo seu contexto aos problemas centrais de Hegel, aos fenômenos históricos do mundo grego e da cristandade, ao mistério da trindade, à pessoa de Jesus Cristo e

5 De Friedrich Schleiermacher, *Glaubenslehre* (1821/22, revisado em 1830); de Carl I. Nitzsch, *System der christlichen Lehre* (1829).

6 N.T.: Os trabalhos de Hegel (no caso, a primeira versão da *edição completa* [*Vollständige Ausgabe*]), objetivando a praticidade, são citados conforme o tomo e a paginação.

7 Hegel, *Werke* 3, 173.

8 Hegel, *Werke* 15, 107.

seu significado especulativo, à Mnemosyne como memória, bem como à questão de “como o mundo das ideias assim passa a ter uma história”⁹; uma questão cuja solução é conhecida por ser o início da construção da história da filosofia hegeliana. *Historicidade* expressa nesse contexto o fato que o Espírito [*Geist*] se torna estreitamente entrelaçado à realidade na qual o tempo foi lançado. O conceito não é ainda utilizado por Hegel para a demarcação da “essência” mesma da história enquanto modo de se tornar ou direcionada à certa situação especial do homem em determinado acontecimento, no sentido de uma existência que se reconhece historicamente. O termo permanece tal como o emprego solitário já mencionado. Com efeito, *historicidade* não se torna um conceito sistemático e central de Hegel, pois, sem dúvida, Hegel possui uma relatividade que se oculta nele, uma atitude ambivalente em relação às consequências históricas e aos eventos históricos: o “apenas factual” e “meramente histórico” são, assim, especulações indiferentes.

Inicialmente, o termo não é adotado pela filosofia. De modo bastante isolado, o conceito é encontrado no círculo hegeliano, em seus dois primeiros biógrafos, K. Rosenkranz e R. Haym. Porém, de modo particular, não como conceitualização hegeliana, ao contrário, como expressão estilística do respectivo autor; em Rosenkranz ligado a sua crítica a Feuerbach¹⁰; em Haym ligado a sua crítica a Hegel¹¹: “O fluxo vital do Absoluto é transformado em conhecimento do presente no processo de viver a história; o historicismo, parte impuro, parte ilusório, do sistema hegeliano se traduz em uma genuína e real *historicidade*”.

Para a apreciação do desenvolvimento conceitual de *historicidade*, o diálogo filosófico entre W. Dilthey e o conde P. Yorck Von Wartenburg possui grande importância, isto é, em suas trocas epistolares dos anos de 1877-1897¹², que, assim, manifesta-se em conexão com seus trabalhos de filosofia sistemática e de história da filosofia. Não é seguro

9 Hegel, *Werke* 16, XIII. Comparar com a crítica de J. Hoffmeister, em “‹Einleitung› zu den ‹Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie›” (presente na *edição completa* de 1940).

10 G. W. F. Hegels *Leben* (1844).

11 *Hegel und seine Zeit* (1857).

12 Wilhelm Dilthey e Paul Yorck von Wartenburg, *Briefwechsel 1877-1897* (Halle: a.d.S., 1923).

afirmar que Dilthey depende de Haym para construir seus argumentos, pois ele não o reconhece expressamente. Em todo caso, Haym e Dilthey foram amigos de juventude, o que liga Dilthey a Hegel. Pela primeira vez na história da filosofia, com Dilthey e Yorck, o termo *historicidade* se torna estável, ao mesmo tempo que se configura como conceito central, que fixa, linguisticamente, a avaliação dos dois pensadores acerca do vir a ser histórico e do caráter do desenvolvimento tanto do Espírito em suas formações objetivas quanto do homem como existência. O jovem Dilthey enxerga, portanto, o problema geral da *historicidade* do homem e do Espírito como um problema de pluralidade de atividades possíveis fundamentalmente existenciais, sendo o problema da *historicidade* e da tipologia das visões de mundo [*Weltanschauungen*], em sua raiz, um só¹³. Também em Dilthey, assim como em outros pensadores, a problemática da *historicidade* é primeiramente discutida sem o termo linguístico em questão. Na *Introdução às Ciências Históricas*, de 1883, Dilthey formula, pela primeira vez, apologeticamente, que a Cristandade introduziu nas mentes o entendimento que “dentro da vitalidade [*Lebendigkeit*] e igualmente *historicidade* de Deus”, “a Cristandade tornou Deus histórico”, pois “a deidade entrou no tempo”¹⁴. Todavia, até mesmo no estudo de maturidade sobre *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências do Espírito*, não há a ocorrência do termo *historicidade*. O seu emprego e uso recai quase exclusivamente na fase de seu debate produtivo com Yorck. Assim, em Dilthey, o desenvolvimento do conceito se desdobra em quatro fases: primeiramente, desenvolve-se em torno dos problemas epistemológicos acerca da ‘historicidade contra universalidade’, bem como demarca uma linha contra o relativismo. No período de trabalhos acerca da história das ideias, sobre os séculos XV, XVI e XVII, Dilthey discute a *historicidade* em torno de problemas da existência cristã e sua dogmática sob a antítese ‘transcendência contra metafísica’. Durante a escrita de *Ideias para uma Psicologia Descritiva e Analítica* (1894-96), o conceito de historicidade passa a se desenvol-

13 Clara Misch (ed.), *Der junge Dilthey, ein Lebensbild in Briefen und Tagebüchern 1852–1870* (Estugarda: Teubner Verlag, 1933), 120.

14 Wilhelm Dilthey, *Gesammelte Schriften* (tomo 1) (Estugarda: Teubner Verlag, 1924), 273 e 349.

ver em relação ao problema da *vitalidade* [Lebendigkeit] enquanto base epistemológica imediatamente dada de uma psicologia compreendida como parte das ciências humanas ou do espírito. Em uma fase final, temporalmente curta, religiosa, reflexiva e autobiográfica, que se estende até a morte de Yorck, em 1897, o termo aparece novamente em Dilthey, com sua problemática contida no conceito de *vitalidade*, ao passo que Yorck em seu livro sobre *Função da Consciência e História*¹⁵ delimita o problema e o conceito de *historicidade* de forma central. *Historicidade* é então uma categoria da filosofia da vida [Lebensphilosophie] de Dilthey e Yorck. A ideia em jogo afirma que a constituição fundamental do homem se baseia não apenas em um ser, mas em uma vida, que é determinada cosmologicamente, biologicamente, e sobretudo historicamente. Nestes termos, o termo *historicidade* está intimamente ligado aos conceitos de <homem total>, <interioridade> e <vitalidade>, que deste modo forma o filamento de nervos através do qual ambos os pensadores estão conectados com o mundo espiritual do tempo de Goethe – novas fontes para o desenvolvimento desse conceito nos trabalhos do conde Yorck aparecem em K. Gründer (1970).

No restante da filosofia e história intelectual de fins do século XIX e início do XX, o conceito de *historicidade* não foi utilizado. Por exemplo, Droysen, Burckhardt, Nietzsche, Troeltsch ou Spengler não o utilizam, mesmo em contextos que hoje não poderíamos elaborar de nenhuma maneira sem o termo. As duas extensas ondas de discussões teológicas sobre a pergunta acerca da veracidade histórica de Jesus Cristo, iniciadas por D. F. Strauß, em 1835, e E. Renan, em 1863, também não utilizam a palavra *historicidade*. Contudo, após uma aparição isolada em M. Kähler (1892), em conexão com a discussão teológica em torno da obra de A. Drews, *O Mito de Cristo*, de 1909, o vocábulo *historicidade* (em seu sentido técnico-historial, não em sentido filosófico) se torna uma palavra em voga. Tanto que A. Schweitzer, na segunda edição de seu *História da Pesquisa da Vida de Jesus*, de 1913, refere-se tanto a esta questão como também formula sua própria solução

15 Paul Yorck von Wartenburg, *Bewußtseinsstellung und Geschichte. Ein Fragment aus dem philosophischen Nachlaß* (Tübingen, 1956).

escatológica para o problema fazendo uso particular da palavra-chave *historicidade*. (Surpreendentemente, nenhum dos dois autores se refere ao relevante supracitado uso do termo por Schleiermacher e Nietzsche.)

Como conceito *filosófico*, a palavra *historicidade* apenas foi utilizada nos anos de 1920, pois após a Primeira Guerra Mundial os escritos de Dilthey começaram a ser publicados, bem como as suas trocas epistolares com o conde Yorck (primeiramente em 1923). No ano seguinte, em 1924, G. Misch, em seu <relatório preliminar> ao 5.º volume dos *Escritos Reunidos* de Dilthey, sublinha, então, a centralidade que o termo *historicidade* possui na filosofia do pensador.

Em 1927, Heidegger adota o conceito em *Ser e Tempo*. Deliberadamente conectado a Dilthey e Yorck, todavia, Heidegger preenche o termo com um novo conteúdo existencial-filosófico [*existenzphilosophischem*]¹⁶. JASPERS segue este emprego do termo em 1931, em *A Situação Espiritual de Nosso Tempo* e em *Filosofia* (1932). Portanto, a partir da filosofia da existência [*Existenzphilosophie*] e da influente teologia evangélica, *historicidade* se torna um termo em voga. A expressão passa a ser usada pela história da filosofia¹⁷ e, então, manuseada em um processo de retrospectiva para ligar ao conceito também alguns pensadores que nem mesmo empregaram o termo. É característico desse processo a exposição nietzscheana de Jaspers, de 1936, a qual coloca no centro conclusivo de sua interpretação o termo <*historicidade existencial*>, não obstante nunca utilizado por Nietzsche. Também nas ideologias <populistas> [*völkischen*], desde 1933, o conceito de *historicidade* foi empregado. Assim como nas ciências naturais o físico C. F. Von Weizsäcker (1948) atribui expressamente aos eventos cósmicos um desenvolvimento histórico e dispõe o conceito de *historicidade* no centro de sua concepção de tempo.

16 N.T.: É fundamental a informação de que a *historicidade* heideggeriana dota o conceito de uma estrutura temporal, cujas implicações teóricas carecem ainda de estudos mais profundos por parte da Teoria da História.

17 Fritz Kaufmanns *Geschichtsphilosophie der Gegenwart* (Forschungsberichte, 10) (Berlim, 1931); Herbert Marcuse, *Hegels Ontologie und die Grundlegung einer Theorie der Geschichtlichkeit* (Frankfurt: Klostermann, 1932); Heinz Heimsoeth, "Die Philosophie im 20. Jh. in Wilhelm Windelband, *Lehrbuch zur Geschichte der Philosophie* (Tübingen: J.C.B. Mohr, 1935).

A extensão conceitual documentada nestes exemplos supracitados, então, leva até uma diluição terminológica¹⁸, o que por alguns anos provocou um clima crítico contra o seu uso como termo técnico¹⁹. O conceito de *historicidade* dissolve-se, uma vez que não se mostra adequado para a formulação do problema total da *historicidade* dos homens e do Espírito, particularmente em relação à história e, por consequência, da conexão da *historicidade* com o enigma da transcendência. Momentos deste contramovimento são – de acordo com a solitária crítica de Dilthey de H. Freyer, de 1927 – a autocrítica alemã de certos desenvolvimentos filosóficos, entre 1933 e 1945, o controverso desdobramento da filosofia de Heidegger, e o processo de reflexão na ciência da religião evangélica, que investiga de modo crítico a influência da filosofia da existência na teologia dialética.

Tradução: Augusto B. de Carvalho Dias Leite (UFES-Brasil)²⁰

18 Gerhard Bauer, *Geschichtlichkeit: Wege und Irrwege eines Begriffs* (Berlim: de Gruyter, 1963).

19 Karl Löwith, *Heidegger, Denker in dürftiger Zeit* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1960).

20 Agradeço à FAPES e à CAPES pelo financiamento da pesquisa, bem como à editora *Schwabe*, que gentilmente autorizou a publicação desta tradução. Agradeço igualmente ao professor Sérgio da Mata (UFOP) pela leitura do manuscrito e pelas sugestões.

Bibliografia citada

- Bauer, Gerhard. *Geschichtlichkeit: Wege und Irrwege eines Begriffs*. Berlin: de Gruyter, 1963.
- Bayer, Erich. *Wörterbuch zur Geschichte: Begriffe und Fachausdrücke*. Estugarda: Alfred Kröner Verlag, 1965.
- Dilthey, Wilhelm. *Gesammelte Schriften* (tomo 1). Estugarda: Teubner Verlag, 1924.
- Dilthey, Wilhelm, e Paul Yorck von Wartenburg. *Briefwechsel 1877-1897*. Halle: a.d.S., 1923.
- Freyer, Hans. “Diltheys System der Geisteswissenschaften und das Problem der Geschichte und Soziologie”. In *Kultur und Universalgeschichte Festgabe W. Goetz*. Leipzig/Berlin, 1927.
- Gehlen, Arnold. “Geschichtlichkeit”. In *Religion in Geschichte und Gegenwart* (tomo 2), editado por Kurt Galling. Tübingen: Mohr Siebeck, 1957.
- Gründer, Karl. *Zur Philosophie des Grafen Paul Yorck von Wartenburg*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1970.
- Hegel, G. W. F. *Werke: Vollständige Ausgabe* (tomos de 1 ao 19). Berlin: Duncker und Humblot, 1832-1845.
- Heimsoeth, Heinz. “Die Philosophie im 20. Jh”. In *Lehrbuch zur Geschichte der Philosophie*, editado por Wilhelm Windelband. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1935.
- Kähler, Martin. *Der sogenannte historische Jesus und der geschichtliche, biblische Christus*. Leipzig: A. Deichert, 1892.
- Kaufmanns, Fritz. *Geschichtsphilosophie der Gegenwart* (Forschungsberichte, 10). Berlin, 1931.
- Kirchner, Johannes, Friedrich Michaelis, e Carl Hoffmeister. *Wörterbuch der philosophischen Begriffe*. Leipzig: Meiner Verlag, 1944.
- Löwith, Karl. *Heidegger, Denker in dürftiger Zeit*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1960.
- Lück, Helmut E. “Leonhard von Renthe-Fink”. In *Deutschsprachige Psychologinnen und Psychologen 1933–1945*, editado por U. Wolfardt et. al. Wiesbaden: Springer, 2017.
- Marcuse, Herbert. *Hegels Ontologie und die Grundlegung einer Theorie der Geschichtlichkeit*. Frankfurt: Klostermann, 1932
- Misch, Clara, ed. *Der junge Dilthey, ein Lebensbild in Briefen und Tagebüchern 1852–1870*. Estugarda: Teubner Verlag, 1933.
- Nitzsch, Carl I. *System der christlichen Lehre*. 1829.
- Schleiermacher, Friedrich. *Glaubenslehre*. 1821/22.
- Von Weizsäcker, Carl F. *Die Geschichte der Natur*. Estugarda: S. Hirzel Verlag, 1948.
- Yorck von Wartenburg, Paul. *Bewußtseinsstellung und Geschichte. Ein Fragment aus dem philosophischen Nachlaß*. Tübingen, 1956.

Referência para citação:

von Renthe-Fink, Leonhard. “Historicidade.” Tradução de Augusto B. de Carvalho Dias Leite. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 12 (2021): 208-215.